

NAS MALHAS MICROFÍSICAS DO PODER: A (DES)CONSTRUÇÃO DO DISCURSO NA CRONÍSTICA DE LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO

IN THE MESHES OF MICROPHYSICS OF POWER: THE (DE) CONSTRUCTION OF SPEECH IN LUIS FERNANDO VERISSIMO'S CHRONICLES

*Cloves da SILVA JUNIOR**

Resumo: O presente artigo analisa algumas crônicas da obra *O mundo é bárbaro e o que nós temos a ver com isso*, de Luís Fernando Veríssimo, a partir das teorias sobre as práticas microfísicas de poder, de Michel Foucault (2001) e de (des) construção do discurso, na perspectiva de Cleudemar Fernandes (2005). A pesquisa realizada é de cunho bibliográfico, e espera comprovar se as crônicas analisadas possibilitam a desconstrução do discurso/ poder.

Abstract: This article examines some chronicles from Luis Fernando Verissimo's book, *O mundo é bárbaro e o que nós temos a ver com isso*, from the theories of microphysical-practices of power, by Michel Foucault (2001) and (de) construction of discourse, from the perspective by Cleudemar Fernandes (2005). The research is bibliographic, and expects to prove that the analyzed chronicles allow the deconstruction of discourse/ power.

Palavras-chave: Desconstrução; Poder; Discurso.

Keywords: Deconstruction; Power; Speech.

Introdução

A sociedade atua como um espaço em que a linguagem/discurso está em constante mutação, haja vista sua natureza instável. Os discursos são produzidos, aperfeiçoados, substituídos, excluídos. E assim como o discurso, as práticas relacionais de poder também sobrevivem na sociedade. Invisivelmente, atingem e se originam a partir dos indivíduos.

* Especialista em Língua Portuguesa, Literatura e Ensino pela Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de São Luís de Montes Belos, Brasil. Contato: cloves-jr@hotmail.com

Nesse diapasão, é possível estabelecer um diálogo entre literatura e sociedade, visto que as construções literárias, em alguns momentos sócio-históricos e literários, aproximam-se mais ou menos da realidade. Para o *corpus* de análise, foram escolhidas algumas crônicas da obra *O mundo é bárbaro e o que nós temos a ver com isso*, de Luís Fernando Veríssimo, tendo em vista que as práticas de poder e o discurso se desenvolvem no seio da sociedade, e o gênero crônica foi escolhido por apresentar aspectos relacionados ao dia-a-dia, e também por retratar as vivências dos seres humanos, de forma a observar a prática do poder na literatura.

Assim, faz-se necessário estabelecer algumas noções sobre o exercício do poder na sociedade e na literatura, bem como considerações sobre o discurso, e sua (des) construção, para que seja possível atrelar essas teorias no discurso literário e verificar, *in fine*, se é possível desconstruir o discurso e a ideia de poder por meio das crônicas de Luís Fernando Veríssimo.

A constituição das relações de poder na sociedade

As práticas relacionais de poder se constituem das mais variadas formas e meios. O discurso midiático é um exemplo disso, pois, segundo Bourdieu (2007), a mídia promove a domesticação do telespectador pela simples aceitação tácita de tudo aquilo que lhe é transmitido. Os indivíduos são levados a acreditar em algo, devido a sua capacidade de manipular os fatos, bem como a capacidade de oratória, de convencimento dos interlocutores televisivos, treinados para influenciar o pensamento e as ideias das pessoas, com o intuito, é claro, de dominar os saberes inerentes a cada indivíduo.

Nesta linha de raciocínio, Bourdieu compreende que:

É enquanto instrumentos [...] de comunicação e de conhecimento que os “sistemas simbólicos” cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim [...] para a “domesticação dos dominados” (BOURDIEU, 2007, p. 11, grifos do autor).

Na mídia, essa domesticação dos dominados ocorre a partir do momento em que o telespectador, em sua residência, senta-se no sofá, em frente à televisão, e passa a aceitar tudo o que é exposto, sem o mínimo interesse de contradizer aquilo que vê e ouve. Dessa forma, o indivíduo aceita como verdadeiras todas as proposições relatadas; logo, a mídia é, para a sociedade, um meio de se conhecer a verdade sobre todos os assuntos.

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 2001, p. 12, grifo do autor).

De certa forma, o discurso midiático, a partir das considerações de Foucault, escolhe os tipos de discurso que acredita que sejam verdadeiros, fazendo com que os espectadores também acreditem naquilo que lhes é relatado. Ou seja, a mídia promove o que lhe interessar, exercendo o seu poder para que a sua versão dos fatos seja a correta, manipulando e controlando todo o mecanismo de enunciação, incluindo o poder de persuasão.

A hierarquia de poder é vista como um grande organismo que faz da sociedade um corpo, e os indivíduos agem como peças deste corpo maior. A partir disso, compreende-se que ao ser exercido, o poder necessita de que os indivíduos trabalhem como peças da sociedade, que por sua vez “bombeia” e espalha este mesmo poder por todas as camadas populacionais. Pressupõe-se que os indivíduos sejam peças essenciais para a prática de poder, pois por meio deles fluem as malhas do poder diretamente para a sociedade.

Percebe-se que “não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente” (MACHADO, 2001, p. X-XI), o que demonstra que o poder não é uno, mas possui várias formas desiguais e heterogêneas, de acordo com o lugar de onde

emana, em constante transformação; não é algo concreto, imutável, sem evolução.

Pode-se considerar que o Estado exerce seu poder contra outras instituições e pessoas, no entanto, Foucault afirma que o poder não se relaciona somente nesse sentido, do Estado para o povo, mas caracteriza o fato de que as pessoas, na sociedade, exercem certo tipo de poder entre si. E esse poder tem movimento inverso, dependendo da situação na qual se encontra o indivíduo.

Nesse viés, da mesma forma que alguém pode exercer o poder sobre outra pessoa, esta pode ter em suas mãos uma “carta na manga” e chantagear aquele que há minutos atrás exercia o poder sobre este último, comprovando o que foi comentado inicialmente. Deste modo, a sociedade age como o grande responsável pela disseminação das estruturas de poder, passadas de indivíduo a indivíduo.

O interessante da análise é justamente que os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível, limites ou fronteiras. Daí a importante e polêmica idéia de que o poder não é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade, que se possui ou não. Não existe de um lado os que têm o poder e de outro aqueles que se encontram deles alijados (MACHADO, 2001, p. XIV).

Assim, percebe-se que o exercício do poder não possui limites ou fronteiras. Não é possível separar aqueles que exercem/possuem poder daqueles que não têm poder ou procuram não praticá-lo. As pessoas vivem em sociedade e, por isso, não podem se ver excluídas de certas relações específicas do meio social, pois são interdependentes.

Por isso, o poder não tem como ponto de partida ou é originado somente por meio do Estado, mas se difunde e se origina em todos os setores da vida social, independentemente de situação econômica e social. Ao partir da premissa de que o poder se relaciona homogeneamente na sociedade, em diferentes ambientes e situações, Foucault expõe que:

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali,

nunca está em mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (FOUCAULT, 2001, p. 183).

Qualquer pessoa tem, mesmo que seja uma mínima parcela, o poder em suas mãos e executa-o, muitas vezes, sem perceber a relação de poder que transparece em suas ações no dia-a-dia.

Embora se tenha discutido apenas uma visão parcial do poder, faz-se necessário evidenciar que o exercício do poder possui aspectos negativos e positivos. Primeiramente, o poder reprime e controla, porém, vai além disso. Um de seus aspectos positivos é que qualquer pessoa pode ser dono de um poder em virtude de um saber. Quando o indivíduo se apropria de saberes, principalmente os sistematizados, ele se coloca acima de outros que não o possuem. Essa competência dá a ele regalias e direitos que ultrapassam os indivíduos de sua classe que não comungam dos mesmos benefícios.

Um exemplo disso é o domínio da língua portuguesa: aqueles que estão capacitados a utilizar a língua – oral e escrita – em suas variadas formas e sentidos, de acordo com o contexto situacional em que está inserido em determinado momento, conseguem se sobrepôr àqueles que não estão capacitados para isso. E por mais que haja uma ideia de que não deve haver preconceito linguístico, é fato que a linguagem padrão tem mais prestígio social do que a variante não padrão.

Enfim, por ser microfísico, o poder não é somente uma característica do mundo real. Tendo em mente o mundo literário/ficcional, pode-se identificar traços de exercício do poder na ficção, pois, na literatura os personagens têm liberdade de dizer o que pensam e influenciar os acontecimentos de determinada obra. E esse poder advém de uma competência adquirida pela apropriação de um saber, de algo novo.

Confluência de vozes: a (des)construção do discurso

Orlandi (1999, *apud* FERNANDES, 2005, p. 22) “argumenta que a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem [...]”. Dessa forma, o discurso está ligado às ações de movimento, e por isso, não pode ser analisado aqui ou ali, mas como um todo, assim como o poder constituído na sociedade.

Discurso, [...] não é a língua, nem texto, nem a fala, mas que necessita de elementos lingüísticos para ter uma existência material. [...] discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente lingüística. [...] o discurso não é a língua(gem) em si, mas precisa dela para ter existência material e/ou real (FERNANDES, 2005, p. 20).

O discurso não é algo concreto, não é a língua, texto ou fala, no entanto, necessita de todos esses elementos para constituir-se no meio social, local onde se propaga e se modifica constantemente em função de formações ideológicas de um dado contexto social. O estudo do discurso considera, então, não somente o que é enunciado em algum momento, mas as possíveis relações entre o que foi enunciado e o novo discurso que será proposto ou formulado pelo interlocutor.

Para o senso comum, o discurso é um pronunciamento político ou um texto bem elaborado com recursos de estilo, mais formal, culto. Isso nos leva a refletir que para as pessoas comuns, o discurso é a enunciação, ou seja, tudo aquilo que é proferido pelo indivíduo, por meio da retórica. No entanto, ao adentrar o campo da lingüística, faz-se necessário abandonar essas proposições para interpretar o discurso como objeto de estudo lingüístico, pois ele não é somente o ato de enunciar; é exterior à língua, segundo Fernandes (2005).

Logo, “[...] analisar o discurso implica interpretar os sujeitos falando, tendo a produção de sentidos como parte integrante de suas atividades sociais. A ideologia materializa-se no discurso que, por sua vez, é materializado pela linguagem em forma de texto” (FERNANDES, 2005, p. 22). Assim, as ideias constituídas em cada indivíduo são reproduzidas por meio de seus respectivos discursos, isto é, suas opiniões são inseridas no contexto discursivo, como forma de

expressar suas considerações sobre um dado assunto ou acontecimento. Embora seja discurso de um sujeito, ele sempre virá perpassado de ideias alheias do meio social em que ele vive.

Além disso, como foi comentado, “[...] os discursos não são fixos, estão sempre se movendo e sofrem transformações sociais e políticas de toda natureza que integram a vida humana” (FERNANDES, 2005, p. 22). Desse modo, sofrendo mutações ideológicas, assim como o mundo evolui, o discurso que é de uma forma hoje, pode não sê-lo amanhã, dependendo da situação encontrada na sociedade, acompanhando a evolução humana, bem como o lugar em que o sujeito se encontra e o espaço no qual está em determinado momento, pois a ideologia predominante em certo local pode não ser aceita em outro.

Pensando nisso,

O discurso tem existência na exterioridade do lingüístico, no social, é marcado sócio-histórico-ideologicamente. Na exterioridade do lingüístico, no social, há posições divergentes pela coexistência de diferentes discursos, isto implica diferenças quanto à inscrição ideológica dos sujeitos e grupos sociais em uma mesma sociedade [...] o sujeito, ao mostrar-se, inscreve-se em um espaço socioideológico e não em outros, enuncia a partir dessa inscrição; de sua voz, emanam discursos, cujas existências encontram-se na exterioridade das estruturas lingüísticas enunciadas (FERNANDES, 2005, p. 28).

Exterior ao lingüístico, desenvolvido no social, o discurso carrega consigo certos traços que emanam da sociedade e outros traços históricos que fazem parte da tradição cultural de determinado lugar em um dado tempo, bem como os traços de ideologia e a posição do indivíduo diante dos fatos. No meio social, percebe-se a existência de vários tipos de discursos de acordo com a ideologia de cada ser humano ou do grupo ao qual ele pertence.

O sujeito discursivo, ao inserir-se na sociedade, expõe sua ideologia e é influenciado, por sua vez, por outras ideologias pertencentes a outros indivíduos, gerando dessa forma, uma cadeia de discursos inseridos na sociedade; é a interação pela linguagem. Outrossim, o sujeito discursivo possui traços de todos os discursos com os quais convive socialmente, ou seja, no ato da comunicação – que

envolve emissor, receptor, mensagem e canal – este sujeito usa elementos discursivos que podem ser encontrados em outros discursos, e que a partir desse momento, também passam a fazer parte do seu discurso, numa apropriação natural.

Compreender o sujeito discursivo requer compreender quais são as vozes sociais que se fazem presentes em sua voz. [...]. À presença dessas diferentes vozes integrantes da voz de um sujeito, [...] denomina-se polifonia [...]. Face à não uniformidade do sujeito, à polifonia constitutiva do sujeito discursivo, temos a noção de heterogeneidade, que, em oposição à homogeneidade, designa um objeto, no caso um ser, constituído de elementos diversificados (FERNANDES, 2005, p. 35-36).

Comprovando esse pensamento, para compreender o sujeito discursivo é necessário descobrir quais vozes sociais, isto é, quais discursos estão presentes em sua voz, em seus enunciados.

Cunhado por Bakhtin, o termo polifonia é “[...] um princípio de estruturação em que as idéias, os pensamentos, as palavras configuram um conjunto que se instaura por meio de várias vozes, ecoando cada uma de maneira diferente” (BAKHTIN, 1997, p. 316), e são essas vozes diversificadas que constituem o discurso do sujeito, a partir da noção de heterogeneidade.

São discursos políticos, religiosos, referentes à educação, medicina, discursos esportivos, enfim, uma vasta gama de vozes. Por essa razão, compreende-se que o sujeito discursivo não é uniforme/homogêneo, pois vários discursos fazem parte do seu contexto social, juntamente com os elementos lingüísticos diversificados inerentes ao seu grupo, e para compreender o discurso é necessário descobrir os motivos pelos quais ele foi proferido em determinada situação, buscando sua exterioridade.

Na enunciação, “uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar socioideológico daqueles que a empregam” (FERNANDES, 2005, p. 23), ou seja, de acordo com a ideologia do indivíduo a palavra assume diferentes níveis semânticos, de forma que pode ser interpretada em vários contextos situacionais. “[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe ‘em si mesmo’ [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-

histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas” (PÊCHEUX, *apud* FERNANDES, 2005, p. 20).

A partir disso, conclui-se que o sujeito discursivo manipula as palavras, os enunciados, compondo seu discurso no contexto social em que se encontra. Por isso, os enunciados assumem diversos sentidos que são determinados pela ideologia de cada espaço no processo em que as expressões ou palavras são produzidas, formuladas. Percebe-se, então, que a desconstrução do discurso ocorre quando outros discursos se sobrepõem àqueles que já existiam.

Por exemplo: certo indivíduo se encontra em um cargo inferior de uma dada empresa; em seu contexto profissional ele terá um tipo de discurso – respeitoso, servil, submisso – que faça parte daquele momento e do local onde o sujeito discursivo está inserido, ou seja, que é inerente a ele, à sua posição, em contato com seus superiores; e terá outro comportamento com outros sujeitos discursivos da mesma classe, do mesmo meio.

Contudo, diante de sua eficiência no trabalho desempenhado esse mesmo indivíduo é promovido a chefe de uma seção desta empresa. A partir desse momento, o discurso que antes era concebido pelo sujeito é sobreposto, pois ao alcançar outro nível no quadro de funcionários, o sujeito discursivo capta para si outros discursos divergentes daqueles que faziam parte dele como funcionário de um nível menor. Isto é, ocorre uma mudança de concepção de valores por parte do indivíduo.

Por fim, vale ressaltar que de acordo com Foucault (2009), os discursos que perpassam o meio social são controlados e ordenados por procedimentos de controle externos – a interdição, a segregação e a vontade de verdade – instituídos pela própria sociedade, os quais impõem ao sujeito a ordem a ser seguida.

Falar sobre a sexualidade, por exemplo, ainda é um tabu para a sociedade, de modo que esse assunto não é tratado em todos os lugares devido ao receio que os indivíduos têm em relação ao tema. Logo, são impedidos de manifestar certos discursos e determinados lugares, caracterizando o primeiro procedimento de controle: a interdição.

Além disso, a sociedade separa quais são os discursos considerados como válidos e aqueles que não são, tais como os discursos dos deficientes mentais, ou aqueles provenientes das pessoas de baixa renda, marginalizados pela sociedade, gerando a segregação.

E por último, o procedimento da vontade de verdade, em que o acesso ao saber também é controlado, distribuído de acordo com a intenção das instituições/organizações.

A partir disso, considerando todo o controle instituído, os sujeitos discursivos esquivam da expressão de sua ideologia, já que tudo é controlado e desconstrói a ideia de livre-arbítrio. No entanto, mesmo com a ordem do discurso, existem pessoas que tentam driblar e desestabilizar as regras, gerando o discurso polêmico, o qual aumenta o grau de persuasão no enunciado, no qual um destrói o outro, a partir das ideologias pertencentes a cada indivíduo e suas opiniões sobre o assunto/situação.

O texto literário como espaço de (des)construção dos saberes

No discurso literário as mesmas ações citadas no exemplo anterior, de certa forma, ocorrem, pois os personagens das histórias são construídos/idealizados de acordo com a posição que ocupam, passando a existir a partir do tempo/lugar em que se encontram, demonstrando a intenção do autor ao colocá-los em determinado local para que as personagens criem dadas situações, configurando assim, o discurso intencional.

Levando-se em conta as crônicas de Luís Fernando Veríssimo, percebe-se que as mesmas possuem alguns discursos que persuadem o leitor a repensar certos assuntos, proporcionando, muitas vezes, uma mudança de opinião, tornando o texto mais polêmico. A partir desse pensamento, Citelli (2000, p. 38-39), em seus estudos, retrata que o discurso polêmico é aquele que

cria um novo centramento na relação entre os interlocutores, aumentando o grau de persuasão. [...] os conceitos enunciados são dirigidos como num embate/debate. Há uma luta, onde uma voz tenderá a derrotar outra. Nesse caso, o grau de polissemia tende a baixar, dado existir o desejo do *eu* em dominar o referente. O discurso polêmico possui um certo grau de instigação, visto apresentar argumentos que podem ser contestados.

O discurso polêmico aumenta o grau de persuasão no enunciado, no qual um destrói o outro, a partir das ideologias pertencentes a cada indivíduo e suas opiniões sobre o assunto/situação.

O discurso, impregnado de muitos significados (polissemia) faz com que o sujeito discursivo domine o referente, isto é, a mensagem a ser transmitida, de modo que o ser humano entenda aquilo que lhe é viável. Além disso, os argumentos apresentados no discurso polêmico podem ser contraditos, respondidos de outra forma, de acordo com a formação discursiva do sujeito, considerando os discursos que traz consigo.

Sobre a possibilidade de desconstrução do discurso por meio da literatura, Roland Barthes (*apud* GAMA-KHALIL, 2010) compartilha e defende a ideia de que a linguagem literária é a única que possibilita o enfrentamento acirrado dos controles estabelecidos e consolidados pelos poderes da língua e da sociedade.

Isso é explicado pelo fato de que, segundo Salvatore D’Onofrio (2007), as personagens de ficção são mais verdadeiras do que a pessoa real, pois aquela pode exprimir livremente sua forma de pensar e agir, sem constrangimentos, visto que é fruto da imaginação do autor; já a pessoa real, como se observa, oculta seus desejos e vive em função daquilo que é imposto pela sociedade, abandonando muitas vezes sua autenticidade e a liberdade de expressão.

De acordo com Marisa Gama-Khalil (2010), o texto não literário funciona de forma a fixar os saberes que todas as esferas sociais necessitam, bem como ordená-los, ou seja, tem por função a socialização do conhecimento científico-acadêmico, por exemplo, das diversas áreas. De outro lado, ainda segundo a autora, a literatura é um espaço de desconstrução desses saberes fixados no seio social. No texto literário os saberes instituídos são questionados, isto é, não são verdades axiológicas. “O espaço literário cria sinestésias, é um espaço em que as palavras têm saber e sabor. As sinestésias metamorfoseiam os dizeres e instituem novos sentidos e gestos sobre as palavras” (GAMA-KHALIL, 2010, p. 189).

Desse modo, a partir de recursos expressivos, a literatura recria novos sentidos a partir do jogo com as palavras, as quais se transformam e originam um significado diferente daquele formulado. É essa polissemia que possibilita a (des)construção do poder e do discurso.

Outrossim, a arte da palavra desenvolvida por Veríssimo é construída a partir dos recursos da comicidade e da ironia, retratando o cotidiano da sociedade e as proezas dos seres humanos. Por este

motivo, “[...] a perspicácia em analisar a alma humana e suas (i)limitações, revelando-as ao leitor de forma transparente, torna suas obras referências para o estudo de algumas questões ligadas ao contexto brasileiro das duas últimas décadas do século XX” (KONZEN, 2002, p. 96).

Os acontecimentos das duas últimas décadas do século XX propiciaram a produção literária no campo da comicidade e da ironia para demonstração e representação dos conflitos da vida humana, por isso, as obras de Veríssimo são utilizadas com bastante enfoque no estudo dessas questões apresentadas pela sociedade contemporânea.

A comicidade está entre as características constantes em suas narrativas – nas mais inusitadas formas. A descontração em falar de qualquer tema, e uma visão sólida sobre os fatos, revelam análises inteligentes e precisas da vida cotidiana: a arte de Luís Fernando Veríssimo reside, fundamentalmente, na capacidade de captar cenas, muitas vezes insignificantes à primeira vista, e torná-las visíveis e risíveis, pelo emprego de recursos diversificados [...] como a paródia, a ironia, o sarcasmo, a alegoria, o nonsense, a inversão de papéis, a transposição de situações, *et coetera* (KONZEN, 2002, p. 96).

A respeito da comicidade e ironia utilizados por Veríssimo, Konzen (2002) relata que

Lançando mão desses recursos, o autor realiza um processo de desautomatização de estereótipos, desmistificando comportamentos alienados, compreendidos em sentido amplo. Além disso, pretende-se discutir as relações existentes entre esses artefatos literários e outros textos a partir do conjunto de elementos presentes nas crônicas que apontam o modo como é construída a representação do cotidiano. Suas narrativas possuem uma composição que articula de forma constante vários planos [...] a partir dos quais pode inventariar, problematizar e discutir questões relativas às fronteiras do texto literário com outras produções artísticas (KONZEN, 2002, p. 97).

Ao utilizar os recursos da comicidade e da ironia, Veríssimo, por meio de suas crônicas, inicia um processo de desautomatização de estereótipos, ou seja, sustenta a ideia de que as pessoas não precisam aceitar tudo o que lhes falam, pois nada é automático, mecânico, incapaz de ser desfeito, já que não existe um padrão de comportamento

a ser cumprido. Nas suas crônicas, Veríssimo desmistifica esses comportamentos alienados, advindos da sociedade como modelos pré-definidos, posto que a crônica, por retratar o cotidiano, serve de campo para a representação da sociedade.

Por se tratar do cotidiano, as crônicas de Veríssimo, assim como as outras, retratam claramente a linguagem coloquial/falada que dá espaço às manifestações ideológicas, a (des)construção do discurso, intercalando realidade e comicidade. Pensando nisso, Luís Felipe Ribeiro (*apud* KONZEN, 2002) demonstra ainda que o diálogo não está presente apenas em obras de ficção ou no cotidiano, mas onde houver discurso. A partir do discurso é que são repassadas as versões de mundo, os questionamentos e suas respectivas respostas, enfim, os valores sociais.

De acordo com Mikhail Bakhtin, “cada enunciado é pleno de ecos e reverberações de outros enunciados, com os quais se relaciona pela comunhão da esfera da comunicação verbal [...]”. Por isso, “as crônicas de Luís Fernando Veríssimo apresentam várias instâncias características das concepções acima referidas, resultando na subversão das certezas e no questionamento da hierarquização social presente nas relações do cotidiano” (KONZEN, 2002, p. 98).

O enunciado, o discurso, são carregados de ecos e reflexos de vários outros enunciados e discursos, conforme foi discutido no início deste tópico, de forma que se relacionam e constroem o ato da comunicação. Desse modo, as crônicas de Veríssimo provocam a subversão daquilo que as pessoas acreditam, bem como o questionamento da hierarquização social presente no cotidiano, o que nos remete aos estudos de Foucault sobre o exercício do poder.

Em sua obra *O mundo é bárbaro e o que nós temos a ver com isso*, Veríssimo, por meio de seu olhar crítico, analisa o comportamento do ser humano contemporâneo. No prefácio da obra, o autor começa com o seguinte questionamento: “O que isso tem a ver com o meu café com leite?” (VERÍSSIMO, 2008, p. 09). Por meio disso, passa a tecer comentários sobre as pessoas que não se importam com os acontecimentos do cotidiano e que afetam diretamente a sociedade, como por exemplo, “fortunas migrando entre os poucos bolsos de sempre, indo para paraísos fiscais e contas *ofishór* e voltando disfarçadas, o milagre de dinheiro estéril gerando mais dinheiro estéril,

a grande e interminável farra do capital no Brasil” (VERÍSSIMO, 2008, p. 10).

Por meio desse trecho fica claro que ninguém parece se importar com essa migração do dinheiro para outras contas e paraísos fiscais; no entanto, utilizando a ironia, Veríssimo ressalta o acontecimento, provocando no leitor certa reflexão sobre o assunto, e possibilita ainda, uma possível desconstrução do discurso que possuía anteriormente, passando a se preocupar com a fiscalização do dinheiro governamental.

Na crônica *Inquilinos*, Veríssimo possibilita uma reflexão sobre o funcionamento do mundo, comparando os seres humanos a inquilinos do planeta Terra, como num prédio residencial.

Ninguém é responsável pelo funcionamento do mundo. Nenhum de nós precisa acordar cedo para acender as caldeiras e checar se a Terra está girando em torno do seu próprio eixo na velocidade apropriada e em torno do Sol, de modo a garantir a correta sucessão das estações. Como num prédio bem administrado, os serviços básicos do planeta são providenciados sem que se enxergue o síndico – e sem taxa de administração. Imagine se coubesse à humanidade, com sua conhecida tendência ao desleixo e à improvisação, manter a Terra na sua órbita e nos seus horários, ou se – coroando o mais delirante dos sonhos liberais – sua gerência fosse entregue a uma empresa privada, com poderes para remanejar os ventos e suprimir correntes marítimas, encurtar ou alongar dias e noites, até mudar de galáxia, conforme as conveniências de mercado, e ainda por cima sujeita a decisões catastróficas, fraudes e falência (VERÍSSIMO, 2008, p. 19).

Novamente por meio da ironia, o autor evidencia a falta de compromisso do ser humano na preservação do planeta, deixando claro que o brasileiro tende a ser desleixado, e pelo seu “jeitinho”, faz as coisas de uma maneira incorreta, na maioria das vezes. Além disso, Veríssimo critica a má distribuição de renda e a hierarquia de poderes, que favorece apenas algumas pessoas ou setores da sociedade, conforme o trecho abaixo:

É verdade que, mesmo sob o atual regime impessoal, o mundo apresenta falhas na distribuição dos seus benefícios, favorecendo alguns andares do prédio metafórico e martirizando outros, tudo devido ao que só pode ser chamado de incompetência administrativa.

Mas a responsabilidade não é nossa. A infra-estrutura já estava pronta quando nós chegamos (VERÍSSIMO, 2008, p. 19-20).

Veríssimo explora em seu texto o fato de que as pessoas sempre procuram um meio de se livrar de qualquer culpa. Na crônica, a desculpa é que a infra-estrutura já estava pronta, ou seja, os estereótipos das pessoas já estavam determinados, e assim elas transformaram/modificaram o planeta de acordo com as suas “necessidades”.

A crônica em questão retrata também que os seres humanos, como inquilinos do planeta, deveriam prestar contas por cada item que foi destruído ou deformado por qualquer motivo. O autor diz ainda que com a morte, o Salvador viria para retomar seu “imóvel” e faria um inventário de tudo que foi estragado pelo homem. Então, Ele diria:

– Cadê a floresta que estava aqui? – perguntaria o Proprietário. – Valia uma fortuna.

E:

– Este rio não está como eu deixei...

E, depois de uma contagem minuciosa:

– Estão faltando cento e dezessete espécies.

A Humanidade poderia tentar negociar. Apontar as benfeitorias – monumentos, parques, áreas férteis onde outrora existiam desertos – para compensar a devastação. O Proprietário não se impressionaria.

– Para que eu quero o Taj Mahal? Sete Quedas era muito mais bonita.

– E a Catedral de Chartres? Fomos nós que construímos. Aumentou o valor do terreno em...

–Fiquem com todas as suas catedrais, represas, cidades e shoppings, quero o mundo como eu o entreguei.

Não precisamos de uma mentalidade ecológica. Precisamos de uma mentalidade de locatários. E do terror da indenização (VERÍSSIMO, 2008, p. 20).

Mais uma vez, Veríssimo propõe uma reflexão, e posteriormente uma possibilidade de mudança de concepção de discurso, acerca da vivência do homem no planeta. São cicatrizes (construções) na paisagem familiar criada pelo Salvador e que diminuem a beleza instaurada inicialmente. O autor coloca em evidência que a mentalidade ecológica do homem há muito exauriu de

sua vida, pois o que importa a ele é construir monumentos, sem se importar com a destruição da natureza, sem pensar que muitos animais ficarão sem abrigo, enfim, não se importando com a vida que existe além da sua necessidade egoísta de satisfazer os desejos, a curiosidade, a ganância.

Na crônica *O que deu errado*, Veríssimo relata a hierarquia de poder na sociedade. Comenta sobre a colmeia das abelhas, onde cada uma nasce com um gene que a define como elite ou classe operária. O autor diz que se cada um no mundo, já nascesse com uma posição na sociedade pré-determinada, evitaria muitos problemas em nosso país. Com as abelhas e com as formigas não existem problemas, pois ninguém nunca ouviu falar de uma rebelião, assim, tanto o formigueiro quanto a colmeia são exemplos de organização social.

Mas eu acho que fazem uma injustiça com a natureza. Ela criou, sim, o gene altruísta para o homem. Em cada descarga do sêmen humano vão milhares de espermatozóides altruístas, tão abnegados e dispostos a se sacrificar por uma sociedade perfeita como os genes de qualquer formiga. Mas justamente por serem tão resignados, eles sempre chegam atrás das células mais egoístas e decididas. Quando não as deixam passar, por puro espírito de renúncia. Assim, é sempre um espermatozóide com absurda pretensão de não ser inferior a ninguém o primeirão, o que fecunda o óvulo e cria as pessoas que criam todos esses problemas para o governo e para os patrões. É por funcionar bem demais no útero que o neoliberalismo tem dificuldades aqui fora. Foi isso que deu errado (VERÍSSIMO, 2008, p. 26).

Veríssimo, dessa forma, explica que a desorganização social reside no fato de que a natureza criou o gene altruísta para o homem, porém, com a descarga do sêmen humano, milhões de espermatozoides com diferentes características vão em direção ao óvulo. Na disputa pelo primeiro lugar e, posteriormente, pela fecundação, o espermatozoide se torna pretenso e convencido, gerando um estereótipo impassível, e que criará problemas na sociedade.

Na crônica *Da sua natureza*, Veríssimo expõe:

Sorte nossa que as árvores não gemam e os animais não falem. Imagine se cada vez que se aproximasse uma motosserra as árvores

começassem a gritar “Ai, ai, ai!” e aos bois não faltassem argumentos razoáveis para não querer entrar no matadouro. Imagine porcos parlamentando em causa própria, galinhas bem articuladas reivindicando sua participação na renda dos ovos e gritando slogans contra o hábito bárbaro de comê-las, pássaros engaiolados fazendo discursos inflamados pela liberdade. [...] Eu às vezes fico pensando em como seria se os brasileiros falassem. Se protestassem contra o que lhes fazem, se fizessem discursos indignados em todas as filas de matadouros, se cobrassem com veemência uma participação em tudo o que produzem para enriquecer os outros, reagissem a todas as mentiras que lhes dizem, reclamassem tudo que lhes foi negado e sonogado e se negassem a continuar sendo devorados, rotineiramente, em silêncio. Não é da sua natureza, eu sei, só estou especulando. Ainda seriam dominados por quem domina a linguagem e, além de tudo, sabe que fala mais alto o que nem boca tem, o dinheiro (VERÍSSIMO, 2008, p. 45-46).

O estímulo à reivindicação é explícito nesse texto. Muita coisa pode ser alcançada com as manifestações populares. O fato é que a população não pensa dessa forma. Prefere ficar sentada em suas poltronas enquanto a mídia domina suas atitudes, mostrando aquilo que manipula como verdade, e a sociedade aceita tudo tacitamente, remontando às teorias de Bourdieu e Foucault sobre as práticas de poder. Logo, a leitura crítico-reflexiva desta crônica pode possibilitar a desconstrução de um discurso e mostrar ao leitor a ideia de que um grupo de pessoas consegue desestabilizar certas imposições da sociedade e fazer com que sejam ouvidas as suas reclamações e reivindicações.

Veríssimo ressalta também que o dinheiro, o qual é representado pela classe econômica mais favorecida, exerce poder sobre as pessoas de classe baixa. Além disso, diz que aquele que domina a linguagem é quem impõe as normas, conforme as ideias discutidas sobre as práticas de poder na primeira seção do texto.

Em *Racismo*, Veríssimo demonstra como o preconceito em relação à cor da pele é praticado aqui no Brasil, de forma “camuflada”, como veremos a abaixo:

Escuta aqui, ó crioulo...

– O que foi?

– Você andou dizendo por aí que no Brasil existe racismo.

- E não existe?
- Isso é negrice sua. E eu que sempre te considereei um negro de alma branca... É, não adianta. Negro quando não faz na entrada...
- Mas aqui existe racismo.
- Existe nada. Vocês têm toda a liberdade, têm tudo o que gostam. Têm carnaval, têm futebol, têm melancia... E emprego é o que não falta. Lá em casa, por exemplo, estão precisando de empregada. Pra ser lixeiro, pra abrir buraco, ninguém se habilita. Agora pra uma cachacinha e um baile estão sempre prontos. Raça de safados. E ainda se queixam!
- Eu insisto, aqui tem racismo.
- [...]
- Onde é que está o racismo então? Fala, Macaco.
- É que outro dia eu quis entrar de sócio num clube e não me deixaram.
- Bom, mas pera um pouquinho. Aí também já é demais. Vocês não têm clubes de vocês? Vão querer entrar nos nossos também? Pera um pouquinho.
- Mas isso é racismo.
- Racismo coisa nenhuma! Racismo é quando a gente faz diferença entre as pessoas por causa da cor da pele, como nos Estados Unidos. É uma coisa completamente diferente. Nós estamos falando do crioulo começar a frequentar clube de branco, assim sem mais nem menos. Nadar da mesma piscina e tudo.
- [...]
- Não, tem paciência. Eu não falo diferença entre negro e branco, pra mim é tudo igual. Agora, eles lá e eu aqui. Quer dizer, há um limite.
- Pois então. O...
- Você precisa aprender qual é o seu lugar, só isso.
- Mas...
- E digo mais. É por isso que não existe racismo no Brasil. Porque aqui o negro conhece o lugar dele.
- É, mas...
- E enquanto o negro conhecer o lugar dele, nunca vai haver racismo no Brasil. Está entendendo? Nunca. Aqui existe diálogo.
- Sim, mas...
- E agora chega, você está ficando impertinente. Bate um samba aí que é isso que tu faz bem (VERÍSSIMO, *apud* KONZEN, 2002, p. 127-128).

A ironia presente nesta crônica é bastante visível, pois explora os aspectos que demonstram que o preconceito, muitas vezes, passa

despercebido, mas que existe de fato. No texto, o branco se dirige ao negro de forma autoritária, de modo que nem mesmo deixa o negro se expressar, visto que toda vez que este último inicia seus argumentos, o primeiro interrompe-o. Por meio desta crônica, percebe-se, como foi dito, que o preconceito racial encontra-se escondido aqui e ali nos enunciados presentes na sociedade.

No tocante ao discurso racista presente na crônica, destacam-se as seguintes passagens extraídas do texto:

– Isso é negrice sua. E eu que sempre te considereei um negro de alma branca... É, não adianta. Negro quando não faz na entrada... [...] Lá em casa, por exemplo, estão precisando de empregada. [...] Nós estamos falando do crioulo começar a frequentar clube de branco, assim sem mais nem menos. Nadar da mesma piscina e tudo. [...] Aí também já é demais. Vocês não têm clubes de vocês? Vão querer entrar nos nossos também? (VERÍSSIMO, *apud* KONZEN, 2002, p. 127-128).

Todos esses trechos ressaltam o racismo presente no texto de Veríssimo, pois evidenciam a ideia de desprezo do negro por parte do homem branco. Ao mencionar que os negros não podem frequentar clubes de brancos, e exigir que tenham um clube somente deles, fica explícito que é uma precaução para que não contaminem a água das piscinas, pois o discurso racista no texto expressa que a raça negra é impura, suja. E mais ainda, ao dizer que estão precisando de empregada, o branco relaciona a classe assalariada aos afro-descendentes, isto é, os brancos não são dignos de trabalhar nesse tipo de emprego; a eles cabem os cargos mais altos, como se depreende da crônica.

Além disso, solicitar que o negro toque um samba resume tudo o que aqueles que são preconceituosos pensam: que a única coisa que os negros fazem é ficar à toa, sem trabalhar, tocando, dançando e sambando, ou seja, corrobora a ideia de que não são hábeis para exercerem tarefas na sociedade.

Desse modo, observa-se que esses traços de racismo no discurso emanam da sociedade por meio da história e da cultura de cada lugar. Assim, a discriminação em certos locais é maior que em outros, principalmente no que diz respeito à classe econômica que relacionam os negros com a miséria. O sujeito, então, é influenciado

por outros discursos de mesmo nível, elimina a ideologia que possuía e passa a obter outra: desta forma ocorre a disseminação do racismo no meio social.

Estruturada no diálogo a crônica “Racismo” evidencia o confronto de ideias entre o negro e o branco, onde cada um reivindica sua posição na sociedade: o branco busca para si as melhores posições e destina o “resto” ao negro. No dialogismo é possível expor concepções e buscar novas, bem como desconstruir um discurso e construir outro por meio da enunciação.

Ainda nessa perspectiva, percebe-se que o autor, na construção desta crônica, utilizou a figura de linguagem denominada paradoxo que consiste no emprego de ideias antagônicas que se excluem, ou seja, ideias contraditórias. Observa-se que o branco diz que não há racismo em seu país, porém, ao mesmo tempo, profere palavras que são consideradas ofensivas para os afro-descendentes, tais como: crioulo, negrice, Beijola, Tição, Macaco e crioulo.

[...], em Luís Fernando Veríssimo, um dos recursos recorrentes para instaurar a comicidade nas narrativas é o paradoxo, a partir do qual o autor reúne, apesar de sua incompatibilidade, conceitos que se excluem mutuamente.

[...]

Ao utilizar-se dos paradoxos, o escritor procura chamar a atenção para a necessidade de estar atento à leitura, tanto dos textos quanto do mundo, pois muitas vezes os “leitores” não percebem as contradições presentes nas interações sociais. A inclusão proposital de construções paradoxais desperta o leitor para essas contradições: o que ocorre é um processo no qual os leitores precisam estar em vigília permanente e refazer a leitura para que obtenham a confirmação da leitura anterior; é aí que o texto adquire a capacidade de provocar o riso, devido ao agrupamento de informações incompatíveis. A reelaboração dos acontecimentos leva à reflexão, revelando sua força persuasiva no riso ambíguo despertado nos leitores (KONZEN, 2002, p. 103-104).

Como explica Konzen (2002), o propósito do paradoxo no texto literário é justamente o de instigar o leitor a ler novamente o texto ao perceber as contradições existentes no mesmo. É fato que muitos leitores fazem uma leitura superficial de algumas obras ou textos, e ao utilizar a figura de linguagem em questão, o escritor

consegue prender a atenção para o texto. Após várias leituras, pode-se então refletir sobre o que foi lido e a partir disso o riso é despertado, isto é, quando o texto é compreendido.

Em suma,

[...] Luís Fernando Veríssimo pode ser inscrito no quadro daqueles escritores que apostam na certeza da dúvida e revelam um expressivo desencanto em relação à ditadura do consenso, atitudes constantes em sua arte, ao alertar sobre o perigo dos clichês e dos lugares-comuns produzidos pela sedimentação da linguagem. O autor investe, assim, no potencial subversivo da comicidade que atua decisivamente contra as pretensões universalizantes, baseadas na sua grande maioria nos discursos considerados “sérios” (KONZEN, 2002, p. 151).

Confirmando o pensamento aqui desenvolvido, Konzen (2002) acredita, por meio de suas análises, que Veríssimo não é um escritor que aceita tudo o que lhe é imposto, tudo o que lhe é transmitido. Isto se comprova pelo fato de que Veríssimo sempre contesta e proporciona reflexões acerca dos assuntos tratados em suas obras, possibilitando ao leitor a escolha de outro caminho, não somente aquele mostrado inicialmente.

Veríssimo, por meio de sua arte da palavra, alerta a sociedade sobre a acomodação produzida pela linguagem, sobre os estereótipos e modelos pré-determinados. Pensando nisso, o autor utiliza os recursos cômicos e irônicos a fim de lutar contra os discursos considerados sérios pela sociedade de modo geral.

Por meio da combinação de discursos apresentadas pelo autor, o leitor consegue mudar – ou ao menos refletir sobre o assunto exposto – suas concepções acerca dos fatos tratados nas crônicas de Veríssimo, que estimulam a ideia preconizada por Foucault de que o poder não se origina somente nas grandes instituições governamentais, mas que existe em todas as camadas da sociedade, onde cada um diz e escreve o que pensa.

Embasado nas teorias citadas, comprovou-se que o discurso pode ser desconstruído com outro discurso, dependendo da posição ideológica assumida pelo sujeito. É claro que a ideologia, a opinião do indivíduo influencia em suas considerações. No entanto, as pessoas

captam para si certas ideologias e as transmitem também, e assim, o discurso é desconstruído e construído automaticamente.

A desconstrução do poder ocorre no momento em que Veríssimo possibilita a reflexão sobre determinados assuntos e, cabe ao leitor, inseri-los no seu discurso, ou ignorá-los. Por meio do texto literário, o autor tem voz para expor sua ideologia, o que permite afirmar que a partir desse momento ele tem controle sobre os fatos que deseja apresentar. Em suma, conclui-se, comprovadamente, que a ideia de poder consegue ruir com os recursos da comicidade e da ironia por todo o exposto.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 11. ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 15. ed. São Paulo: Ática, 2000.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura ocidental: autores e obras fundamentais*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2007.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 16. ed. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

_____. *A ordem do discurso*. 18. ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

GAMA-KHALIL, Marisa. *O espaço metamorfoseado da literatura*. In: MILANEZ, Milton; GASPAR, Nádea Regina (Org.). *A (des)ordem do discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

KONZEN, Paulo Cezar. *Ensaio sobre a arte da palavra*. Cascavel: Edunioeste, 2002.

MACHADO, Roberto. Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 16. ed. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. *O mundo é bárbaro e o que nós temos a ver com isso*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

Recebido em 10 de julho de 2011

Aceito em 27 de setembro de 2011